

LEITURAS DAS PROFESSORAS: UMA TRAJETÓRIA DE TRADIÇÕES ORAIS

MARIA HELENA DA ROCHA BESNOSIK (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA).

Resumo

Este trabalho é um recorte de um estudo sobre a prática dos Círculos de Leitura realizadas com professoras que lecionam na zona rural de três municípios do interior da Bahia (Candeias, Santanópolis, Antonio Cardoso), cujo objetivo consistia em aproximá-las da leitura do texto literário. Da observação e análise dos quarenta e dois encontros desenvolvidos durante dois anos, resultaram descobertas relevantes para uma melhor compreensão da leitura das professoras. Com base no desenvolvimento do trabalho de leitura, foi possível reunir depoimentos orais das professoras, quando importantes dimensões de suas experiências de vida e de leitura foram se revelando: a infância, as histórias ouvidas, o aprendizado das primeiras letras, a leitura da Bíblia e dos folhetos de cordel. Essas experiências são acontecimentos que marcam suas histórias de leitura. O estudo revela que pessoas com diferentes histórias se encontram para falar de outras histórias, ainda que no encontro com o texto escrito as professoras deixem transparecer as marcas de suas experiências anteriores, quais sejam, as de leitoras de uma cultura que tem suas raízes na oralidade. O contato com as professoras que lecionam na zona rural proporcionou um conhecimento das trajetórias dessas leitoras, fazendo emergir leituras que se encontram às margens das leituras canônicas, ou seja, aquelas que compõem a tradição oral, inseridas nas práticas socioculturais. O aporte teórico utilizado para análise do material coletado encontra-se no campo da História Cultural e da leitura como uma prática social indo além dos aspectos cognitivos da leitura.

Palavras-chave:

LEITURA, LITERATURA, TRADIÇÃO ORAL.

Ao iniciar os Círculos de Leitura com os professores[1] da zona rural da Bahia, não tinha dimensão de suas experiências. Que leitores são esses a que me refiro neste trabalho? Onde vivem? O que fazem? Como aprenderam a ler e a escrever? Que contatos tiveram e têm com a literatura?

Conhecer melhor suas condições de vida, seu lastro cultural e lugares sociais, certamente, me ajudariam a partilhar com as professoras de uma experiência com a palavra escrita, em encontros nos quais se desvendavam leitores e leituras.

Os encontros com as professoras para a leitura do texto literário aconteceram em duas cidades próximas a Feira de Santana, portanto, situadas no sertão baiano - Antônio Cardoso e Santanópolis - e em Candeias, na região metropolitana de Salvador, relacionada ao segmento industrial.

Os freqüentadores dos Círculos de Leitura eram professoras da rede municipal, que se dividiam entre o trabalho na escola e a casa. Recebiam um salário mínimo pago pelas prefeituras municipais, mas antes chegaram a receber menos que o salário mínimo, o que ainda acontece em muitos municípios da Bahia.

Geralmente, os maridos trabalhavam na roça - no caso das duas cidades localizadas no sertão e na cidade localizada na baixada litorânea, Região Metropolitana de Salvador, eles viviam da pesca e alguns eram funcionários da Petrobrás ou da Prefeitura. Como os homens, muitas vezes, não conseguiam

sozinhos prover as necessidades da família, o salário da mulher fazia parte efetiva da renda familiar.

As professoras trabalhavam, no geral, em prédios escolares com uma ou duas salas de aula, em que faltavam ventilação, espaço, iluminação, material didático. Uma das professoras de Passé, distrito de Candeias, ministrava aulas numa escola na beira do mangue, em um barracão de madeira com apenas uma sala de chão batido e telhado de eternite. Crianças e professora tinham que conviver com a maré dentro daquele espaço, enfrentavam um cotidiano difícil, pois andavam muitas vezes algumas léguas para chegar à escola. Como mencionado, o lugar onde essas professoras viviam e realizavam as suas atividades profissionais era permeado de muitas dificuldades e carências, sem possibilidades de emprego para homens e mulheres, sem escolas para atender a todas as crianças e uma política de saúde e saneamento básico.

As professoras entrevistadas, de todas as cidades em que trabalhei, relatavam que o aprendizado das primeiras letras foi em casa, principalmente porque trabalhavam na roça e não podiam ir à escola:

Eu não tive assim um colégio pra ir logo. Trabalhava em um horário e aí à noite todo mundo estudava com minha mãe, que ela sabia ler. Meu pai sabia ler muito pouco, mas ela sabia ler mesmo, aí então à noite todo mundo sentava numa mesa bem comprida e lá aí agora... Então aí ela ensinava tudo, só que ela não sabia conta, meu pai não sabia ler, mas sabia conta aí, ele ensinava conta e ela ensinava leitura. (Cleuza, prof^a de Santanópolis)

Os pais, no depoimento acima, dividiam as atividades de ensino: a mãe ensinava leitura e o pai a fazer contas, os dois tinham uma participação efetiva na aprendizagem dos filhos. Alguns professores, na infância, entraram na escola sabendo, pelo menos, ler: aprendizagem realizada no ambiente familiar. Na maioria das vezes, o pai ensinava a ler. A preocupação maior era com o aprendizado da leitura. As formas de ensinar, de uma família para outra, eram muito semelhantes: cartilhas, reconhecimento das letras e soletrar. É o que revelam os depoimentos:

Eu aprendi a ler mesmo com meu pai em casa, com aquele ABC pequenininho, começava do alfabeto para depois as vogais, as consoantes. Ele cobria a letra pra gente descobrir a letra, reconhecer a letra. Quando eu já sabia o alfabeto todo, passou para as famílias silábicas, depois a descoberta das palavras, soletrava, pra depois descobrir as palavras. Agora escrever corretamente mesmo eu vim aprender na escola, porque ele ensinava a ler, mas não ensinava a escrever, ensinava só a ler. Quando eu fui pra escola eu já sabia ler e contar. (Conceição, prof^a de Santanópolis)

... Sem eu estar na escola eu aprendi em casa. Aprendi a ler, aprendi a escrever, aprendi a contar, aprendi a escrever meu nome em casa. Eu já entrei na 1^a série, não fiz essa base que cresce da pré até a alfabetização. Não passei por nada disso, aliás ninguém lá em casa não passou por nada disso. Até meu irmão mais novo a gente mesmo foi que ensinou em casa, a contar, reconhecer as letras, escrever o nome. Ele já entrou na 1^a série. Era o incentivo da minha mãe. (Eliana, prof^a de Antonio Cardoso)

... quando eu comecei a estudar eu já sabia ler, que o meu pai me ensinou a ler e a escrever. Até hoje a minha caligrafia parece um pouco com a dele, acho que de tanto imitar o que ele colocava no caderno, eu quase fiquei a mesma coisa da letra que é dele. Quando eu comecei a estudar com 7 anos já fui pra 1ª série. Tinha aquela 1ª série fraca e 1ª série forte. Eu já comecei na 1ª série forte, que eu já sabia ler e foi assim que eu comecei a estudar. Ele (se referindo ao pai) me ensinou a ler soletrando... da maneira que ele sabia, né. Que ele só estudou até a 2ª série, então o pouco que ele sabia ele passou pra gente. (Lílian, profª de Candeias)

Tinha aquelas cartilhas antigas, eu me lembro que a minha mãe sempre comprava aquelas cartilhas e todo mundo passou por aquele processo da cartilha. Aprendi a ler em casa no processo da cartilha. Minha mãe sempre... ela não foi alfabetizada, mas ela ensinava pra gente, ela passava pra gente, era tanto que tinha meus irmãos que não estavam interessados apanhava, porque não queriam estudar, então quando a gente foi pra o colégio a gente já foi praticamente alfabetizado e desse processo aí, ela botava a gente na banca. Tinha umas vizinhas que eram formadas em professora e ela pagava pra poder ensinar pra gente o que ela não sabia, ela pagava pra ensinar pra gente e teve sempre esse interesse... sempre dar o melhor pra gente principalmente na área de educação, porque eles não tiveram. (Maria José, profª de Candeias).

Independentemente do tempo em que aprenderam a ler e a escrever, parece que quase todas viveram a experiência do uso da cartilha no processo de alfabetização. Algumas lembram do nome: **Carta de ABC, Cartilha do Povo, Cartilha de Alice**, como também da distribuição das palavras e de como esse material era utilizado pelas suas professoras. São lembranças guardadas na memória e na gaveta, mostrando como esse contato com a palavra escrita, por meio da cartilha, foi marcante na vida escolar das professoras.

Numa comunidade rural, onde a quantidade de textos escritos é pequena, sem outras formas de comunicação e lazer, contar histórias constitui-se numa prática muito comum. Como os camponeses do século XVIII europeu, os moradores do campo no Brasil, ainda hoje, contam histórias incorporadas ao seu universo cultural, que guardam elementos característicos da narrativa oral como repetições em geral, rimas, versos, partes cantadas, princípios fundamentais da oralidade.

A arte de contar ainda é preservada. Para as pessoas que trabalham no campo, depois da lida diária, pegando na enxada, plantando e colhendo, o descanso e o lazer estão relacionados a uma conversa na porta da rua, que vai desde o do falar da vida, até os "causos" que fazem parte de um repertório ligado a variadas experiências.

Nos depoimentos, percebe-se claramente que não existe uma rigidez temporal na divisão entre trabalho e lazer. São momentos integrados, pois enquanto as pessoas realizam alguma atividade manual, conversam, contam, cantam e se divertem. Quando a professora relata o encontro noturno sob a luz da lua para contar e ouvir histórias, mostra um ambiente diferente da cidade grande e reafirma práticas e costumes da zona rural ainda remanescentes em algumas cidades do interior da Bahia. O ato de contar é um exercício de memória, porque o que contam não foi lido nos livros, foi escutado de outros:

... a maioria era analfabeta, não tinha como lê assim. Às vezes contavam o que ouviam, mas não sabiam pegar[4] um livro pra ler alguma coisa pra gente. (Juciara, prof^a de Antonio Cardoso)

Pode estar incluída em "pegar um livro" a postura corporal do leitor como uma exigência do texto escrito. No entanto, parece que a expressão da professora, está muito mais relacionada ao não saber ler. Refere-se provavelmente à falta de alfabetização e à falta de familiaridade com esse tipo de material impresso.

Os professores falaram da experiência de escutar histórias em casa, e diziam que, apesar de os pais terem pouco estudo, freqüentemente narravam os contos, os causos ouvidos na infância, de assombração, de lobisomem, de mula sem cabeça, e outras histórias que mexem com a imaginação infantil. Essas narrativas que os contadores anônimos sabem de cor ou de memória são contadas e recontadas e é o que garante a sua permanência nos dias de hoje. A figura do narrador oral está muito presente nos relatos das professoras.

Tinha um senhor lá que ia na nossa casa contar histórias, contava uma histórias também de arrepiar, umas histórias antigas de lobisomem. Uma encruzilhada que tinha lá, disse que tinha um zumbi, um caso de verdade que aconteceu mesmo lá e tinha um homem que virava lobisomem... Inclusive a gente que era pequeno, assim sair no escuro na casa do vizinho, tinha de ir duas pessoas, ninguém ia de uma casa pra outra sozinha que tinha medo... Conceição, prof^a de Santanópolis)

Na maioria das vezes, o narrador é dali mesmo do lugar; conta as histórias que ouviu e coisas que vivenciou. É um narrador que se aproxima do "camponês sedentário" nas palavras de Benjamin, que retira o conteúdo de suas narrativas de lugares distantes por onde andaram ou do seu lugar de trabalho artesanal. A mesma professora relata sua experiência de ouvir, em casa, histórias contadas pela sua mãe, e reafirma um momento de lazer, de diversão.

Ela contava histórias assim de príncipe, de princesa, como a história de Branca de Neve, A Cinderela de hoje que antigamente chamava de Gata Borralheira era essa daí, que ela contava também. Muitas pessoas da vizinhança vinha pra minha mãe contar histórias. Não tinha televisão, não tinha nada pra fazer de noite e também de tardinha quando terminava os afazeres, quando chegava da escola, um bocado de gente ia pra lá pra ela contar histórias. Ela adorava contar, se divertia também com isso. (Conceição, prof^a de Santanópolis)

Uma outra professora lembrou-se da mãe contando histórias, que hoje fazem parte do seu repertório na sala de aula.

Minha mãe contava, era constante. Minha mãe apesar de ela só ter até a 4^a série, mas ela contava muito, ela tanto contava como cantava. Ela contava as histórias e ela cantava muito. Sempre eu me lembro. Todas as histórias que hoje a gente passa eu ouvia ela contar. Os contos de fadas. Todas as histórias que hoje eu passo eu já tive. (Iracly, prof^a de Candeias)

Nos depoimentos, apareceu também a figura do avô ou da avó.

O meu avô tinha muita paciência com criança, ele gostava demais de criança, ele brincava com a gente, ele contava bastante essas histórias de bicho, de assombração, de alma, contava bastante essas coisas. (Conceição, prof^a de Santanópolis)

Os momentos de sentar e ouvir histórias no ambiente familiar costumam facilitar a comunicação afetiva entre as pessoas. Talvez essa vivência familiar tenha sido evocada nos relatos de leitura dos textos literários em nossos encontros. As participantes queriam contar algo, participar do grupo também com suas lembranças. Entretanto, esse desejo de contar, relatar o vivido ou o ouvido não foi observado nas aulas da maioria das professoras. Apesar de a escola estar inserida num universo rural, ela é organizada em função de conteúdos distantes das vivências, que se encontram para além dos seus muros e da realidade da comunidade. Haveria ainda um certo descrédito nas possibilidades do conto oral em um ambiente considerado o lugar onde apenas o que está no livro é o que vale e deve ser ensinado?

Nunca eu tive um professor pra ler histórias, todos os meus professores era explicou e pronto. (Cleuza, prof^a Santanópolis)

Nem lia histórias, não ouvia histórias, o negócio era chegou lá no quadro passou o dever, explicou a aula ali e pronto, era aula explicativa, aquela aula explicativa exatamente. (Estelita, prof^a de Santanópolis)

Não contava histórias não. A escola mesmo era pra dar lição, estudar, fazer sua tarefa, sua prova, prova oral, fazia prova oral lá, depois vinha ela tava num cantinho, sentava ali e fazia a prova escrita. (Lourdes prof^a de Candeias).

Apenas uma das entrevistadas relatou que na escola, de vez em quando, a sua professora levava um velho que morava em um povoado próximo para contar histórias; esse senhor foi o primeiro professor do povoado de Tapera. Outra disse que, como a escola era na própria casa da professora, escutavam histórias contadas pelos pais dela.

Podemos perceber pelos relatos que a experiência de ouvir histórias se encontrava muito mais no ambiente familiar.

Leitura muito lembrada pelas professoras era a dos folhetos de cordel:

Na minha casa tinha livros, essa literatura de cordel, porque meu pai gostava muito. Meu pai gostava muito daquelas histórias, mas só que ele não tinha prática de ler. Ele lia alguma coisa, aquilo ali catando milho, ele lia, mas ele passava um tempão pra falar uma palavra. Então ele aí comprava aqueles livros e levava para casa, porque sabia que minha mãe lia. (Cleuza, prof^a de Santanópolis)

Na casa dessa professora havia livros, livros de cordel, uma "*literatura do povo*" nas palavras de Câmara Cascudo. Mesmo sem ter "prática de ler", o pai trazia os

folhetos para que outra pessoa lesse. Na pesquisa de Gilmário Brito, sobre os folhetos religiosos no Nordeste, há um trecho de uma entrevista feita por Orígenes Lessa a Manoel Camilo (apud Brito)[6], que ilustra a idéia de que não é preciso dominar o código escrito para ter contato com os folhetos e gostar deles: "Tem mais gente lendo. Mas não é preciso. Com poesia não é. O povo compra do mesmo jeito. Se tem alguém que sabe ler na família. Tudo bem. A pessoa escuta e gosta, quando o romance é bom. Guarda até na cabeça".

Uma das professoras lembrou que não é fácil ler os folhetos de cordel e não é qualquer pessoa que pode fazer isso, porque exige uma postura semelhante à de quem declama ou participa de uma cantoria. Cleuza contou que sua mãe lia os folhetos para a família à noite, como recompensa pelo cumprimento das atividades diárias. Cada um dos filhos escolhia uma história que era lida em voz alta:

Eu sei que tinha noite que ela (a mãe) tinha que ler vários livros. Tinha coisa que a gente gravava também, aquele que a gente ficava bem ligado naquele livro e alguns pedacinhos a gente gravava e gostava, guardava aquilo na mente... (Cleuza, prof de Santanópolis)

Conceição recordou que sua mãe não sabia ler, *mas ela... ela decorou na mente*, aquilo que escutou dos mais velhos: histórias de assombração e dos folhetos de cordel. A professora continuou:

Tinha mesmo uma história de Zezinho e Mariquinha que era muito bonita até hoje eu ainda tenho este livro meio comido dos ratos, mas ainda tenho este livro. (Conceição, Prof. De Santanópolis).

O folheto lembrado pela professora, e que ainda existia entre os seus pertences como algo valioso, foi um dos que mais circulou no sertão nordestino no início do século XX. Seu autor, Silvino Pirauá Lima, "foi o primeiro a escrever os romances em versos, isto é, levando-os da prosa citadina para as sextilhas sertanejas na fórmula usual do ABCBDB[7]. Esse folheto, segundo Câmara Cascudo (1953), traz reminiscência de antigos romances portugueses. A mesma professora recorda nos mínimos detalhes um outro folheto intitulado *A triste sorte de Avelina*.

Sabe-se que os livros de cordel são geralmente vendidos nas feiras livres das cidades do interior do nordeste, em forma de folhetos expostos em bancas ou espalhados em lonas no chão. Fazem parte das mercadorias comercializadas, e sempre estão presentes onde se encontram as ervas medicinais, o fumo, a cerâmica, os brinquedos (carrinhos de madeira e de flandres, bonecas de pano), as panelas, os cuscuzeiros, candeeiros, as colchas de retalhos e "fuxicos".

A Bíblia era ressaltada na fala dos professores como o livro que mais circulava entre eles. Sua veiculação no Nordeste, desde o século XVIII, demonstra a forte religiosidade da população. Uma das professoras relatou que, sendo o pai muito religioso, aprendeu a ler por meio da Bíblia; estudava-a e desenvolveu a sua leitura dessa maneira. Outra professora lembrou de uma família que lia somente a Bíblia. No conjunto de famílias daquela comunidade, esta família se diferenciava pelo tipo de leitura que fazia; eram católicos e liam os salmos. Havia uma leitura coletiva feita nas casas por quem sabia ler.

Só tinha uma família que lia só a bíblia... eram católicos, mas eles saíam assim nas casas lendo aqueles salmos da bíblia para as pessoas. Só essa família. (Cleuza, prof^a de Santanópolis)

Encontram-se, principalmente no Nordeste, muitos relatos de experiências de comunidades no sertão, que atestam ser a Bíblia e alguns outros livros religiosos, como a Missão Abreviada[8], realmente os únicos contatos com o texto escrito. A partir dessas leituras, muitas vezes ouvidas, as pessoas foram incorporando nas suas práticas cotidianas interpretações dos textos, relacionando-os à sua cultura - a irmandade, o compadrio, a vizinhança, ainda muito comum nas pequenas cidades do interior nordestino.

Pesquisas na área da história social e história oral registram como historicamente ocorreram os contatos dos indivíduos dessas comunidades com os textos sagrados. A maioria das pessoas memorizava os trechos da Bíblia e os recitava como se estivesse realmente lendo o texto escrito, porém com algumas adaptações pautadas nas suas vidas. Como se vê, eram pessoas "bibladas"[9], na expressão usada pelo Prof^o José Calasans. O depoimento de Lillian, uma das participantes dos grupos de leitura, reafirmou essa prática:

A Bíblia eu via ler bastante. O pessoal mais velho. Lá tem uma senhora mesmo, ela já está bastante velhinha é o único livro que ela lê é a Bíblia. Ela não lê outro livro, ela diz que não sabe lê outra leitura, ela só sabe lê a Bíblia. (Lillian, prof^a de Candeias).

Quando a professora mencionou uma pessoa que só sabia ler a Bíblia, e não sabia ler outros textos escritos, muito provavelmente estava se referindo à memorização do texto, após ter escutado de alguém que sabia ler. A "leitura/escuta" faz parte de muitos relatos de leitura/releitura da bíblia no sertão nordestino.

O que se observa é que as práticas de leitura, seja da Bíblia ou do folheto de cordel, revelam relações estreitas entre a oralidade e o escrito. Tanto nos relatos das professoras, participantes dos nossos Encontros de Leitura, quanto nas referências de estudiosos do tema, a palavra falada e a escrita se mesclam nas histórias de leitores, "meio leitores" e de escritores dos livros endereçados ao povo que mais ouvem do que vêem o que diz a letra. A apropriação dos textos sagrados por pessoas leigas remonta a épocas passadas, veja-se o exemplo do moleiro Menocchio[10], que leu a Bíblia e ainda outros livros religiosos, e os interpretou a seu modo. Na verdade, por essa ousadia foi indiciado e enfrentou o tribunal da inquisição no século XVI. "O moleiro não aprendeu a controlar (ou fazer controlar) suas leituras." **[11]**. Ainda hoje, no Brasil, a Bíblia é o livro mais lido.

Muitos professores que participaram dos Encontros de Leitura até hoje ainda lêem a Bíblia, em função da religião que professam. Marilene relata que realizava leituras individuais e coletivas da Bíblia em casa:

Às vezes eu leio sozinha, às vezes eu leio com minha mãe que também é evangélica, às vezes eu leio também com pessoas que chegam e aí começamos a ler e aí por exemplo,... e aí nós vamos discutindo ali. (Marilene, prof^a de Candeias).

As fontes de leitura no sertão nordestino do século XIX são resumidas em um texto de cordel. Conta-nos Câmara Cascudo que o poeta popular Nicandro Nunes da Costa usa como mote "Tudo são honras da casa" em uma das suas "poesias", para falar dos três livros mais encontrados nas residências do sertão: a novela recreativa (folheto de cordel), a Bíblia e a cartilha de instrução

Enfim, as professoras da zona rural não são consumidoras efetivas do que é produzido pela indústria cultural. Elas escutam rádio, assistem à TV, lêem algumas poucas revistas e livros que se enquadram na literatura infantil, mas não vão ao cinema, ao teatro, não lêem jornal, não freqüentam exposições de arte. Predominam, ainda hoje, em seu universo cultural, as tradições orais da literatura de cordel, as festas religiosas, as festas de largo, de São João e de Reisado, ao lado de cantadores, violeiros e repentistas, de cânticos de trabalho.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Clarisse Victória Carrilho. **Partilhando saber e prazer**: um estudo etnográfico sobre uma comunidade de leitoras. Rio de Janeiro: Departamento de Educação da PUC do Rio de Janeiro, 1995. 108p. (Dissertação, Mestrado em Educação)

ANTONACCI, Maria Antonieta. Tradições de oralidade, escritura e iconografia na literatura de folhetos: Nordeste do Brasil, 1890/1940. Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História e do Departamento de história da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. n. 22 - Oralidade e História. São Paulo, EDUC, junho/2001.

ARANTES, Antonio Augusto. **O trabalho e a fala**: estudo antropológico sobre os folhetos de cordel. São Paulo: Editora Kairós: Fundação de Desenvolvimento da UNICAMP, 1982.

ABREU, Márcia (Org.). **Leituras no Brasil**: antologia comemorativa pelo 10º COLE. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

_____. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Histórias de Leitura)

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e cultura. Tradução: Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v.1)

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras operárias. Petrópolis: Vozes, 1991.

BRITO, Gilmar Moreira. **Pau de colher**: na letra e na voz. São Paulo: EDUC, 1999.

_____. **Culturas e linguagens em folhetos religiosos do nordeste**: inter-relações, escrituras, oralidade, gestualidade, visualidade. São Paulo: PUC, março de 2001, p: 291. Tese de doutorado em História Social.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Cinco livros do povo**: introdução ao estudo da novelística no Brasil. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953.

_____. **Literatura oral no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (orgs). **História da leitura no mundo ocidental** (volumes 1e2). São Paulo: Ática, 1998.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Cordel**. São Paulo: Hedra, 2000.

CHARTIER, Roger. (org). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, S.A., 1990.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**; tradução de Sonia Coutinho. - Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DAVIS, Natalie Zemon. O povo e a palavra impressa. In: **Culturas do povo: sociedade e culturas no início da França moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. (Coleção Oficinas da História)

DIETZSCH, Mary Julia. **Além das páginas do livro didático**. Em Aberto, Brasília, ano 16. n. 69, jan/mar.1996.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memória de lutas: Literatura de Folhetos do Nordeste 1893 - 1930**. São Paulo: Global Ed., 1983. (Teses;13)

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa** - Ação. São Paulo: Cortez, 1986.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da (orgs). **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1991.

[1] Com a autorização das professoras entrevistadas manterei os seus verdadeiros nomes na citação das falas.

[4] grifo nosso

[6] BRITO, Gilmário. **Culturas e linguagens em folhetos religiosos do nordeste**: inter-relações, escrituras, oralidade, gestualidade, visualidade. 2001. Tese(Doutorado em Historia Social)- PUC, São Paulo, 2001. p.24

[7] CASCUDO, Câmara. **Cinco livros do povo**: introdução ao estudo da novelística no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. p. 12.

[8] Missão Abreviada- versão resumida e popularizada da Bíblia. Segundo Câmara Cascudo: *"Os recursos de orações, explicações de fácil teologia, respostas às curiosidades irreverentes, regimes de jejuns, dietas sagradas, abstinências, catecismos, regras morais, tudo vinha da "Missão Abreviada". As primeiras edições traziam recitas, astronomia, agricultura, hagiologia, horóscopo, previsões de tempo, mil coisas, como um 'Lunário Perpétuo' ."* retirado do livro: CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.

[9] Expressão usada pelo prof^o José Calasans, quando se refere a Antonio Conselheiro "que significava ter ele (O conselheiro) um razoável conhecimento dos textos sagrados" Ver GUERRA, op. cit. p.98.

[10] GINZBURG , Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras,1987.

[11] HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Jamerey- Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. Tradução: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p.52.